

DOI:

<https://doi.org/10.7213/2318-8065.10.01.p01-04>

CADERNO TEOLÓGICO

Religião, democracia e direitos humanos


periodicos.pucpr.br/cadernoteologico



Editorial

Hermenêuticas do Feminino: Epistemologias, Experiência Religiosa e Crítica Social

Feminine Hermeneutics: Epistemologies, Religious Experience, and Social Critique

Jaci de Fátima Souza Candiottto ^[a] 
Curitiba, PR, Brasil
Universidade PUCPR, Escola de Educação e Humanidades - PPGHD

Andreia Cristina Serrato ^[b] 
Curitiba, PR, Brasil
Universidade PUCPR, Escola de Educação e Humanidades - PPGT

Eva Gislane Barbosa ^[c] 
Curitiba, PR, Brasil
Universidade PUCPR, Escola de Educação e Humanidades - PPGT

Como Citar: Barbosa, E. G., Candiottto, J. de F. S., Serrato, A. C. Hermenêuticas do Feminino: Epistemologias, Experiência Religiosa e Crítica Social. Caderno Teológico Da PUCPR, 10(1). <https://doi.org/10.7213/2318-8065.10.01.p01-04>

^[a] Professora doutora em Teologia PUCPR, <https://orcid.org/0000-0002-1780-545X> e-mail: jacicandiottto@gmail.com

^[b] Professora doutora em Teologia PUCPR, <https://orcid.org/0000-0003-0150-0413> e-mail: andreaserrato.as@gmail.com

^[c] Doutoranda em Teologia PUCPR, <https://orcid.org/0000-0003-4133-9601> e-mail: evagislane40@gmail.com

A teologia nasce da Palavra e, como nos lembra Tereza Toldy, é nas palavras que se joga o drama da exclusão e da libertação. Em *A violência e o poder da(s) palavra(s)*, Toldy mostra que o cristianismo construiu, ao longo dos séculos, um cânone de poder: discursos que naturalizaram a subordinação das mulheres e sacralizaram hierarquias. Mas é nessa mesma linguagem, ferida e aberta, que florescem novas hermenêuticas. A teologia feminista emerge como resposta poética e política, onde a suspeita se transforma em libertação e a memória das mulheres se converte em lugar teológico.

Maria José Rosado-Nunes, por sua vez, analisa as ambivalências históricas da Igreja diante da modernidade. Em *Direitos, cidadania das mulheres e religião*, ela mostra como o catolicismo latino-americano participou da construção de uma cultura de direitos e de práticas libertadoras, mas manteve discursos essencialistas que limitaram a autonomia feminina. Sua leitura crítica nos interpela a pensar a fé não como tradição fechada, mas como diálogo vivo entre revelação e história.

Inspirado por essas autoras, este Dossiê 10 da Revista Caderno Teológico propõe uma travessia entre hermenêutica, espiritualidade e transformação social. Os artigos aqui reunidos formam três eixos que se encadeiam: 1. Fundamentos e reconstruções teológicas do feminino; 2. Experiência, espiritualidade e linguagem simbólica e; 3. Desdobramentos éticos, sociais e ecológicos.

EIXO I – Fundamentos e reconstruções teológicas do feminino

Abrindo o dossiê, Higor de Souza Mendes revisita o pensamento de Edith Stein em *A concepção do ser mulher: Eva, Maria e o feminismo católico*. O artigo combina filosofia fenomenológica e teologia espiritual, apresentando a mulher como sujeito de razão e transcendência. Entre Eva e Maria, Stein delinea uma pedagogia da interioridade, em que o feminino não é submissão, mas lugar de comunhão e liberdade interior.

Em seguida, Bianca Strücker, Noli Hahn e Alana Sartori, em *Cultura patriarcal e o direito de resgate: uma análise do livro de Rute sob a óptica dos direitos humanos*, propõem uma hermenêutica crítica do texto bíblico. O estudo evidencia como as leis do resgate e do levirato, concebidas para proteger, também perpetuavam a dominação masculina. Ao reinterpretar Rute como figura de resistência e agência, as autoras transformam a leitura bíblica em ato de desvelamento das estruturas patriarcais.

Fechando o eixo, Lucas Pereira da Silva Freitas, em *Hermenêuticas do feminino em diálogo: uma koiné entre Gianni Vattimo e autores da Teologia da Kénosis*, propõe uma leitura filosófico-teológica inovadora. A partir da noção de esvaziamento (kénosis), o autor identifica no gesto divino de autodoação um paradigma libertador para o feminino, não mais submissão, mas vulnerabilidade criadora. É um texto que insere a teologia feminista na arena pós-metafísica contemporânea, abrindo pontes entre fé, filosofia e ética.

EIXO II – Experiência, espiritualidade e linguagem simbólica

O segundo bloco desloca o foco da teoria para a vivência da fé, recuperando a espiritualidade como dimensão constitutiva da teologia.

Em *Espiritualidade e mística cristã: reflexão sobre a experiência com Deus e a práxis cristã*, Andréia Cristina Serrato e José Carlos de Oliveira refletem sobre o esvaziamento da transcendência em tempos de hiperatividade e fragmentação. Inspirados em Metz e Boff, defendem a mística como resposta à crise de sentido: uma espiritualidade enraizada na vida cotidiana e comprometida com a justiça. Sem experiência mística, alertam os autores, o cristianismo se arrisca a perder sua força transformadora.

No mesmo horizonte, *A mística cristã primitiva: estudo das práticas mágicas na religião popular cristã* da autora Ana Flávia de Almeida Figueiredo amplia a compreensão da espiritualidade cristã ao recuperar expressões sincréticas e populares dos primeiros séculos. A análise dos papiros mágicos cristãos revela uma fé encarnada, marcada por gestos materiais, amuletos,

invocações e práticas rituais que uniam cura, proteção e sentido comunitário. Longe de ser mero resíduo “pagão”, essa mística expressa uma busca radical por contato com o divino em contextos de vulnerabilidade: escravos, estrangeiros e camponeses que, entre tensões com a ortodoxia, construíram modos próprios de viver a experiência cristã. O artigo oferece um aporte decisivo ao dossiê ao mostrar que a espiritualidade cristã sempre foi plural, corporal e profundamente situada.

Adriana Maria Simião da Silva e Renato Kirchner, em *Os círculos de mulheres: espaço de partilhas, autoconhecimento e espiritualização*, analisam as práticas de círculos femininos como expressão de espiritualidades emergentes. Ali, a escuta, o corpo e o vínculo se tornam mediações do divino. O texto une pesquisa bibliográfica e abordagem socioantropológica, mostrando que os círculos são escolas de espiritualidade e de reconstrução simbólica do feminino.

Luis Henrique Piovezan, em *A literatura e o Concílio Vaticano II: a Igreja aberta à Cultura*, desloca o debate para a relação entre teologia e arte. Partindo do aggiornamento conciliar, o autor propõe que a literatura — de Eça de Queirós a Machado de Assis — pode revelar tensões e verdades teológicas invisíveis. A arte literária torna-se espaço de revelação e crítica profética, ampliando a compreensão da fé como linguagem poética.

EIXO III – Desdobramentos éticos, sociais e ecológicos

O terceiro eixo leva o leitor à interface entre teologia, sociedade e mundo, explorando os frutos práticos de uma fé reinterpretada.

Em *Papa Francisco e o papel da mulher: pelo reconhecimento*, um encontro com a ternura, Diclei Manoel da Silva analisa a teologia do reconhecimento em diálogo com o magistério do Papa Francisco. A ternura, aqui, é elevada à categoria teológica: gesto que revela a face feminina de Deus e convoca a Igreja à conversão pastoral. O autor mostra como Francisco tensiona os limites institucionais da Igreja, ao afirmar o valor da escuta e da reciprocidade.

Mably Rosalina Fernandes e Claudia Carolina Guadagnin, em *Gênero e meio ambiente: um diálogo necessário*, retomam a conexão ancestral entre o feminino e a terra. Com base na crítica ecofeminista, defendem que a ruptura com o sagrado feminino levou à devastação ambiental e espiritual. A reconstrução dessa relação implica reconhecer que o cuidado — valor central da ética feminina — é também categoria teológica e política.

Encerrando o dossiê, *Teologia feminista e hermenêutica crítica: leitura da Bíblia a partir das margens*, Pedro Luís Macedo Dalcol, retoma a base hermenêutica de todo o conjunto. O texto propõe uma leitura bíblica feita a partir das margens — dos corpos racializados, das mulheres empobrecidas, dos contextos periféricos. Inspirado em Schüssler Fiorenza, Ivone Gebara e Nancy Cardoso, o autor destaca que a Palavra de Deus é viva apenas quando lida desde a vida concreta dos oprimidos. É uma reflexão forte, que recoloca a teologia feminista no horizonte da transformação social e da esperança escatológica.

Enfim, o Dossiê 10 da Revista *Caderno Teológico* apresenta um mosaico de vozes que partem de um mesmo clamor: restituir às mulheres o direito de interpretar Deus. Das releituras bíblicas às práticas espirituais, das tensões eclesiais às perspectivas ecológicas, este conjunto revela uma teologia em movimento: crítica, encarnada e plural.

Entre Tereza Toldy e Maria José Rosado-Nunes, delineia-se um horizonte comum: a teologia feminista como caminho de reconstrução simbólica e cultural. Ela não é apenas reflexão sobre o feminino, mas reconfiguração do próprio cristianismo, que aprende a falar novamente a linguagem da ternura, da justiça e da comunhão. Quando a Palavra é dita desde as margens, ela deixa de oprimir e volta a criar.

Nota editorial

Este número da Revista Caderno Teológico foi organizado com a intenção de reunir reflexões que ampliam o diálogo entre teologia, gênero e sociedade, reafirmando o compromisso da revista com a produção teológica crítica, plural e inclusiva. Agradecemos às autoras e autores pela generosidade intelectual e aos pareceristas ad hoc pela leitura cuidadosa e contribuições valiosas.

Curitiba, novembro de 2025 — Comissão Editorial

Referências bibliográficas:

TOLDY, Teresa Martinho. **A violência e o poder da(s) palavra(s): a religião cristã e as mulheres.** *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, n. 89, p. 171-183, jun. 2010.

Disponível em: <http://journals.openedition.org/rccs/3761>. DOI: 10.4000/rccs.3761.

Acesso em: 9 nov. 2025.

ROSADO-NUNES, Maria José. **Direitos, cidadania das mulheres e religião.** In: ROHDEN, Fabíola; AZEVEDO, Ricardo (orgs.). *Corpo, Gênero e Religião: Ensaio sobre o feminino e o sagrado*. São Paulo: Editora PUC-SP, 2006. p. 107-126.

ROSADO-NUNES, Maria José. **Fé e Feminismo: teologia, religião e política de gênero no Brasil.** São Paulo: Fonte Editorial, 2010.